

INVESTIGAÇÃO



Epidemia Estudo inédito revela papel central de emigrantes da ex-colónia portuguesa na expansão da epidemia no início do século XX

Sida chegou a Angola muito antes de ser identificada

CHRISTIANA MARTINS

Mergulhar em mapas e estatísticas do antigo Ministério das Colónias belga. Reunir uma equipa multidisciplinar e multinacional. Calibrar o relógio biológico. Somados todos os ingredientes, a conclusão foi inédita: os angolanos tiveram um papel de destaque na dispersão da epidemia de sida no continente africano no início do século XX, numa altura em que a doença ainda não tinha sido identificada.

A conclusão consta do artigo "A contribuição de Angola na propagação inicial do HIV-1", publicado este verão na revista científica "Infection, Genetics and Evolution". A investigação, liderada pela médica portuguesa Ana Abecasis, do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, situa na fronteira entre Angola e a República Democrática do Congo (RDC) o epicentro da disseminação do vírus da imunodeficiência adquirida (sida), apontando a origem da pandemia em 1906, em Kinshasa, antiga Leopoldville, capital do então Congo Belga, e fixando 1924 como o ano da chegada do vírus a Luanda.

Estas datas, porém, não devem ser assumidas de forma absoluta. Os investigadores trabalharam com margens de erro e, como explica a investigadora, intervalos temporais que situam a chegada do vírus à capital angolana entre 1910 e 1940. O estudo abre também uma nova frente de expansão do VIH-1, para lá do percurso assumido pela ciência e que passava por Lubumbashi e Mbuji-Mayi — cidades da RDC — mas a partir de agora também por Luanda.

As conclusões foram suportadas pelas pesquisas nos Censos da Bélgica do início do século XX, documentação dos arquivos do antigo Ministério das Colónias, atual Ministério dos Negócios Estrangeiros belga. Coube a João Sousa vasculhar mapas e páginas com estatísticas centenárias. Há dez anos que este engenheiro de formação analisa dados demográficos e informações sobre incidências de muitas doenças, porque naquela época, como a sida não estava identificada, era confundida com tuberculose, pneumonias e linfomas vários. Kinshasa aparece como o ponto zero da pandemia e Luanda, de acordo com o estudo, terá sido atingida

ainda antes de Brazzaville, capital do Congo, ou Lubumbashi. Mas tão importante quanto a fixação temporal da entrada do vírus nestas cidades é perceber a quantidade de pessoas infetadas. E a resposta estará nos Censos do ex-Congo belga, que referem que chegaram a viver cerca de 2600 angolanos para o então Congo Belga começou no final do século XIX, de forma a responder ao intenso desenvolvimento de Kinshasa,



Equipa multidisciplinar e multinacional coordenada pela portuguesa Ana Abecasis (terceira à esquerda) encontrou provas de que emigrantes angolanos participaram na expansão da sida FOTO MARCOS BORGA

onde a construção de grandes obras de infraestruturas como o porto fluvial do rio Congo ocuparam milhares de pessoas.

Darwin, sexo e seringas

"O crescimento da população e as alterações sociais, por exemplo, como a disponibilidade de um maior número de parceiros sexuais e a administração de fármacos por via injetável com seringas não esterilizadas terão tido um grande impacto no início da epidemia", alerta Ana Abecasis.

Questionada sobre a metodologia, Ana Abecasis explica que como "o genoma do vírus VIH adquire novas mutações muito rapidamente, a análise destas mutações, quando combinada com dados geotemporais, permite analisar a dispersão no espaço e no tempo". E, para que se perceba como funciona uma investigação que caminha em direção ao passado, diz: "Assim como Darwin conseguia reconstruir a origem das espécies olhando para as características morfológicas, conseguimos reconstruir a origem das epidemias virais olhando para as mutações no genoma do vírus." É o que se chama "calibrar o relógio biológico".

Neste trabalho, os investigadores reuniram um conjunto de 900 genomas de VIH isolados de doentes da RDC, da República do Congo e de Angola, tendo a seguir desenvolvido "uma análise detalhada que nunca tinha sido efetuada anteriormente, que permitiu testar a hipótese de haver um envolvimento de Angola na expansão inicial da epidemia, o que nunca tinha sido abordado", refere Ana Abecasis, para concluir: "Foi assim que conseguimos determinar que o VIH já circulava em Angola, pouco depois da origem da epidemia em Kinshasa."

Mas por que nunca se olhou para Angola? A resposta da investigadora é cautelosa: "Estará relacionado com a escassez de dados genómicos do VIH de indivíduos oriundos de Angola e, provavelmente, porque se tem olhado sobretudo para Kinshasa, o centro populacional mais importante nessa altura." Mas, ao Expresso, reconhece que talvez tivesse faltado "um olhar português".

A equipa inclui ainda a colombiana Andrea-Clemencia Pineda-Peña, a quem coube redigir o artigo, o historiador e antropólogo Jorge Varanda, a bióloga belga especializada em bioinformática Anne-Mieke Vandamme, o também belga Kristof Theys, o norte-americano Thomas Leitner, os farmacêuticos portugueses Inês Bártolo e Nuno Taveira.

Na origem de tudo estiveram os chimpanzés, infetados há milhares de anos com o vírus inicial. O problema foi quando a enfermidade saiu do circuito animal em estado selvagem para a espécie humana. Mas sobre o ato fundador da epidemia apenas se podem colocar hipóteses. "Estudos anteriores apresentaram a questão da transmissão animal/humano e concluíram que terá ocorrido numa

CRONOLOGIA

1884 Entre o final do século XIX e 1924, nos Camarões, terá ocorrido a transmissão animal/humano do VIH

1906 Data da origem da pandemia em Kinshasa, na altura denominada de Leopoldville. A Luanda, a doença terá chegado 18 anos depois

1959 Primeiro caso documentado do que hoje se conhece como sida, num homem que morreu em Kinshasa

1981 O Centro de Controlo e Prevenção de Doenças (CDC), nos Estados Unidos, anuncia a existência de uma nova doença que afetaria os homossexuais com base num surto incomum de pneumonia que afetava o sistema imunitário. Nesta altura, o vírus já estava na Europa e no Haiti, além da África Central, onde existiram cerca de 100 mil casos

1983 Investigadores do Instituto Pasteur isolam o vírus VIH-1, a doença é estabelecida em populações heterossexuais da África central, sugerindo que será muito mais antiga e é identificado o primeiro caso em Portugal

1986 É acordada a denominação do vírus HIV: Vírus da Imunodeficiência Humana, na sigla em inglês

2016 Em 2015, estimava-se que 2,2% da população angolana estivesse infetada. Em todo o mundo, são mais de 75 milhões de pessoas

região remota do Sudeste dos Camarões, a partir da subespécie Pan troglodytes troglodytes infetados por um vírus muito parecido com o VIH, o vírus da imunodeficiência simia (VIS)", explica Ana Abecasis.

A investigadora avança que "a transmissão terá ocorrido pelo contacto de humanos locais com sangue de chimpanzés infetados durante o tratamento de carne para consumo. Depois, o vírus ter-se-á adaptado ao hospedeiro humano, de uma forma que ainda não está bem esclarecida, dando origem ao VIH". Kinshasa está a cerca de 700 quilómetros de onde foram encontrados os macacos infetados. Bastaram.

camartins@expresso.imprensa.pt

NÚMEROS

26,6%

é o pico do número de imigrantes angolanos em Kinshasa em 1930, o que permitiu a disseminação do vírus e a sua exportação para Angola

1924

Data estimada pelo estudo coordenado por Ana Abecasis para a chegada do vírus VIH-1 a Luanda